

Janela, um vidro contemporâneo

*Luís Fernando Rabello Borges**

Dizer com precisão o momento exato em que se deu o surgimento da janela é um daqueles desafios difíceis de encontrar respostas. Mesmo pessoas supostamente leigas no assunto, como arquitetos e engenheiros civis, por exemplo, fatalmente terão dificuldades em trazer alguma luz nesse sentido. Não, tudo indica que não há nenhuma fresta, nenhuma brecha deixada pela janela no que diz respeito à sua invenção. Até porque talvez ela nunca tenha sido inventada. Desde quando o ser humano resolveu deixar de viver a céu aberto, passando a habitar cavernas, tocas ou assemelhados, surgiu a necessidade imediata da existência de pelo menos uma abertura que permitisse o acesso a tais alojamentos, a qual, assim que passou a ser vedada, deu origem ao que hoje se conhece por porta. Mas, além de uma via para entrada e saída dos próprios moradores de suas moradias, igualmente se fizeram necessárias outras aberturas capazes de possibilitar a entrada de ar e de luz, bem como a visualização do mundo exterior; aberturas que, por sua vez, também passaram a ser vedadas, resultando nas atuais janelas. É bem verdade que as portas também possibilitam arejar e iluminar o ambiente interno das moradias, assim como também é possível adentrar recintos pelas janelas. Mas as atribuições principais de cada uma delas é determinada por uma diferença sutil: enquanto as portas geralmente são formadas por madeira, o material mais representativo das janelas é o vidro. No caso específico das janelas, o principal objetivo é possibilitar a visão do que está do lado de fora do mundo interior, mesmo com o recinto fechado.

A dúvida em se precisar a invenção da janela (até por ela talvez não ter sido exatamente uma invenção), por outro lado, leva à certeza de que, ao menos até onde se sabe, ainda não há um especialista no assunto. Não estamos falando de quem fabrica uma janela, e sim de alguém voltado especificamente ao seu estudo. Os que mais se aproximam dessa condição são, como foi dito acima, os arquitetos e os engenheiros civis, mas mesmo esses não diferem muito da grande massa de leigos, quando a pergunta é pura e simplesmente sobre o surgimento da janela. Em suma, em um mundo marcado pela cada

vez mais crescente necessidade de especialização, ainda não surgiu o especialista em janelas, aquele que sabe reconstituir o percurso histórico e evolutivo dessa invenção. Mas, se por um lado fica constatada essa falta de sintonia com os tempos atuais, e se por outro estamos falando de algo existente desde os primórdios da humanidade, pode-se dizer que, mesmo assim, a janela representa um símbolo por excelência do mundo de hoje.

Juntamente com a televisão e o espelho, a janela é um dos três vidros contemporâneos. São esses vidros resultado do aquecimento da areia a temperaturas inumanas, que permitem ao homem de hoje enxergar a si próprio, espelhos de fogo em substituição aos espelhos de água, como os de rios e lagos. Mas, diferentemente do espelho, que exhibe diretamente a imagem de quem se encontra à frente, a televisão e a janela trazem imagens bem mais diversas, de forma a fazer com que o indivíduo se identifique e se reconheça no outro, projetando o seu eu em outros alguéns e/ou algos e buscando visualizar neles os componentes que lhe constituem. Obviamente, tanto na televisão quanto na janela também é possível – ainda que com um tanto de atenção – detectar o reflexo da própria imagem, mas essas ficam em segundo plano, perdidas em meio a outras imagens, alheias e inerentes à existência de cada pessoa.

Nesse processo de construção de identidade, por meio de uma espécie de “identificação do eu a partir do outro”, já abordada por autores como Manuel Castells e Stuart Hall, cabe perceber que a janela possui uma diferença fundamental relação aos dois outros integrantes da santíssima trindade da contemporaneidade feita de areia e fogo: ao contrário do espelho e da televisão, ela não possui nenhuma de suas faces vedadas. Nesse sentido, o espelho e a televisão são vidros que mostram uma determinada imagem e, ao mesmo tempo, escondem o que há por detrás deles. Todavia, a dupla propriedade de exhibir e ocultar é também cabível à janela, apesar de ela ser transparente em ambas as suas faces – e justamente por esse mesmo motivo.

Talvez mais do que em qualquer outra época, a janela é o meio utilizado por aquelas pessoas que querem ver sem serem vistas,

justamente por permitir a elas o contato com o mundo exterior sem precisarem sair do mundo interior. Em uma hipotética moradia, composta apenas de paredes, sem janelas, a pessoa que queira saber o que se passa do lado de fora não possuirá outra alternativa que não seja a de dentro da tal moradia - incluindo aí calores, frios, chuvas, ventos, sons, ruídos, mosquitos e demais elementos que encontram na janela um obstáculo quase invisível, mas bastante palpável. E, sobretudo, protege a pessoa de ser vista por terceiros, pois, por mais transparente que a janela seja, ela transmite uma sensação de que a visão se dá em um único sentido – do lado de dentro para o lado de fora do vidro. O que, de certa forma, não deixa de acontecer, até mesmo em função do reflexo estampado no lado de fora dos vidros.

Nesse sentido, a janela passa a imitar a televisão, em que um vidro/tela inserido em uma moldura exhibe imagens do cotidiano, sintonizadas por olhos que – percorrendo a vastidão de ruas, calçadas, casas, prédios e sobretudo outras janelas – atuam como controle remoto, selecionando as imagens a serem visualizadas, e ilha de edição, fazendo os cortes necessários em um aparente e ilusório plano-sequência. É a janela atuando como uma espécie de televisão com cortinas que se abrem revelando o palco onde entra em cena o dia-a-dia. Curioso é que isso de a janela ser utilizada como uma televisão ocorre mais nos tempos atuais do que quando a televisão ainda não existia. Muito em parte porque, da mesma forma, de uns tempos para cá a televisão definitivamente resolveu imitar a janela. Pelo menos é essa a proposta deliberada da onda de reality-shows, que passou a assolar a programação televisiva neste começo de década/século/milênio: convidar o telespectador para dar uma espiada na vida cotidiana – ou uma simulação de vida cotidiana – de um determinado agrupamento de indivíduos que se dispõem a ficar confinados do lado de dentro de uma tela de televisão. Assim, a televisão não apenas não substituiu o hábito de se ver a vida pela janela, como acaba estimulando essa prática, sendo a recíproca também verdadeira. É um processo no qual janela e

televisão se reforçam mutuamente para fazer a apologia do voyeurismo junto a pessoas que cada vez mais vão se tornando telespectadores de janelas e bisbilhoteiros de televisões. O que ocorre é um verdadeiro círculo vicioso: caso a pessoa se canse de tanto assistir à janela, é só virar o pescoço para o lado e passar a olhar pela televisão, e vice-versa.

Muito mais do que eventuais torcicolos, o principal efeito colateral desse tipo de rotina é o vazio que se torna a vida de seus praticantes, que vivem quase unicamente de acompanhar vidas alheias. Dessa forma, o uso de janela e televisão, enquanto espelhos nos quais a pessoa se vê no outro, acaba revelando uma imagem vazia, opaca; ou seja, aquilo que poderia constituir um processo de construção de identidade rico, em termos de facetas (em função de contemplar toda uma multiplicidade de pessoas e identidades), produz justamente o efeito contrário, em que o muito se torna nada. O mesmo acontece com uma roda de bicicleta, onde são dispostas lado a lado todas as cores, que, quando misturadas pelo giro da roda, produzem como resultado uma mera cor branca. Menos mal que as janelas estão permanentemente sujeitas à ação da molecagem, de elementos externos, como bolas de futebol, resultando em vidraças estilhaçadas em vários fragmentos. As vidraças podem, assim, produzir toda uma multiplicidade de imagens passíveis de promover uma quebra no pensamento único dos tempos atuais – apesar de que, por outro lado, uma das marcas registradas da contemporaneidade é justamente a fragmentação que trata de assegurar a nulidade do todo. Esse tiro saído pela culatra foi recentemente vislumbrado em um estudo de autoria de Jean Baudrillard, intitulado “Telemorfose” (2004). No estudo, o pensador francês defende a idéia de que os participantes de reality-shows sofrem o inverso daquilo que almejam: ao invés de aparecerem, acabam desaparecendo. “No fundo, tudo isso corresponde ao direito e ao desejo imprescritíveis de não ser Nada e de ser olhado como tal. Fazer-se nulo é a última proteção contra a necessidade de existir e a obrigação de ser si mesmo”. Tal ponto de vista de

Baudrillard, com relação aos reality-shows, remete também à janela, no que diz respeito a sua propriedade de exibir e *também* esconder, anular, assim como a televisão e o espelho, mesmo não tendo vedada nenhuma de suas faces. A exemplo da televisão, a janela esconde ao exibir o vazio, a banalidade de um cotidiano que adquire um tom paródico e descartável, superficial, sem perspectivas mais amplas.

É assim que a janela constitui um símbolo altamente representativo da contemporaneidade. Inclusive por também ser possível estabelecer relações entre as janelas e a informatização da sociedade, a começar pelos próprios computadores e seus monitores: telas quase idênticas às televisões. Monitores que, por forçarem a vista do telespectador/usuário, acentuam a necessidade do uso das janelas portáteis que são os óculos – ou então das janelas sem moldura (e ainda mais portáteis), que são as lentes de contato. E, monitores, que, logo quando ligados, exibem a palavra ‘Windows’. Aliás, talvez uma imagem bem ilustrativa dos tempos contemporâneos seja justamente a de alguém olhando pela janela um outro alguém diante de um computador com um ‘Windows’ estampado na tela. Mas a proximidade entre janelas e computadores vai bem além da semelhança entre televisão e monitores, se estendendo para a internet e sua linguagem hipertextual. Na medida que a janela dá acesso a outro compartimento (nem que seja apenas de forma visual), pode-se dizer que ela cumpre uma função de link. Dessa forma, as janelas podem ser tomadas na condição de links de um grande hipertexto urbano – e, da mesma forma, os prédios se portariam como verdadeiros portais, páginas iniciais de sites, por onde se pode navegar nos espaços deixados por cortinas içadas ao vento.

E mesmo o fato de ainda não ter sido inventado, o especialista em janelas não chega a contrariar a analogia entre elas e uma época que clama para si a necessidade de especialização, pois tal lacuna se dá em função de não haver muito a ser dito a respeito de algo tão inevitável à condição humana, desde sempre, como a janela. E nada

mais adequado do que o igualmente inevitável vazio de informações históricas e evolutivas sobre a janela para ilustrar e emoldurar o vazio dos tempos de hoje.

Nota

** Professor de Jornalismo da UNOCHAPECÓ (luisfrb@unochapeco.edu.br)*